

## **As pesquisas de intervenção e o programa de escrita inventada na alfabetização de jovens e adultos**

### **Intervention research and the invented spelling intervention program (PEI) in youth and adult literacy education**

### **La investigación de intervención y el programa de escritura inventada en la alfabetización de jóvenes y adultos**

Juliane Gomes de Oliveira<sup>1</sup>

Francisca Izabel Pereira Maciel<sup>2</sup>

**Resumo:** As pesquisas de intervenção, comuns na área da psicologia, vêm sendo retomadas nas pesquisas educacionais e no campo da aprendizagem inicial da leitura e da escrita como uma metodologia que visa compreender quais as estratégias que os alfabetizandos mobilizam em seu processo de alfabetização. O presente estudo tem como objetivo apresentar os fundamentos teórico-metodológicos desse tipo de investigação sobre uma pesquisa de mediação pedagógica para alfabetização de jovens e adultos, a partir do Programa de Intervenção com Escrita Inventada (PEI). Os resultados da aplicação do PEI para alfabetizandos jovens e adultos apontaram progressos no desenvolvimento da escrita, o aumento significativo da autonomia e da colaboração entre os alfabetizandos.

**Palavras-chave:** Alfabetização de jovens e adultos; pesquisa de intervenção; escrita inventada.

**Abstract:** A common approach in psychology, intervention research has been making a comeback in educational research and early literacy learning as a method to understand which strategies literacy students use in their learning process. The goal of this study is to present the theoretical and methodological foundations of this type of research based on a study of pedagogical mediation for youth and adult literacy education using the Invented Spelling Intervention Program (Programa de Intervenção com Escrita Inventada – PEI). The results of PEI’s application with young and adult learners showed progress in literacy development, significant increases in autonomy and collaboration between literacy learners.

**Keywords:** Youth and adult literacy education; intervention research; invented spelling.

**Resumen:** La investigación de intervención, común en el área de la psicología, ha sido retomada en la investigación educativa y en el campo de los aprendizajes iniciales de la lectoescritura como una metodología que pretende comprender qué estrategias utilizan los alfabetizadores en su proceso de lectoescritura. Este estudio tiene como objetivo presentar los fundamentos teórico-metodológicos de este tipo de investigación sobre una investigación de mediación pedagógica para la alfabetización de jóvenes y adultos, basada en el Programa de Intervención con Escritura Inventada (PEI). Los resultados de la aplicación del PEI para alfabetizadores jóvenes y adultos mostraron avances en el desarrollo de la escritura, un aumento significativo en la autonomía y colaboración entre los estudiantes de alfabetización.

**Palabras clave:** Alfabetización de jóvenes y adultos; investigación de intervención; escritura inventada.

---

<sup>1</sup> Prefeitura de Belo Horizonte

<sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais

## Introdução

Neste artigo, propomos apresentar e refletir sobre os princípios teóricos que fundamentam as pesquisas de intervenção do Programa de Intervenção da Escrita Inventada (PEI) relacionadas à aquisição inicial da leitura e escrita com estudantes da alfabetização de Educação de Jovens e Adultos.<sup>3</sup> Trata-se de uma pesquisa pioneira no campo da EJA. Participaram três grupos de estudantes da alfabetização de jovens e adultos, sendo dois grupos contendo três alunos e um grupo contendo dois alunos. Cada grupo originou-se de escolas da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, totalizando oito alunos. No estudo, buscou-se analisar as relações entre a metodologia de escrita colaborativa e seus efeitos na escrita de palavras compostas por sílabas com estrutura silábica (CVCV), (CVV) e (CVVV) pelo Programa de Intervenção com a Escrita Inventada<sup>4</sup>.

Com o propósito de tentar compreender quais as estratégias e reflexões metalinguísticas desenvolvidas e socializadas pelos alfabetizandos da EJA, estabelecemos um diálogo entre as teorias do sociointeracionismo e os processos de apropriação do sistema de escrita alfabética, por meio da Pesquisa de Intervenção e os Programas de Escrita Inventada. Portanto, os estudos apresentados neste artigo têm como objetivo discutir fundamentos teóricos e metodológicos relacionados às pesquisas que envolvem intervenções na área da alfabetização, no contexto da escrita colaborativa.

As reflexões tomam como referências as pesquisas de intervenção do PEI, desenvolvidas em Portugal e, mais recentemente, pesquisas realizadas no Brasil. Ressaltamos que, por ser a primeira pesquisa com o público da educação de jovens e adultos e a Escrita Inventada, ancoramos nossa base teórico-metodológica nos estudos da alfabetização com crianças. As pesquisas de intervenção do PEI desenvolvidas no Brasil são resultado de um diálogo entre pesquisadoras do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) que

---

<sup>3</sup> Para saber mais sobre o Programa de Escrita Inventada na alfabetização de jovens e adultos, ver: OLIVEIRA, J. **O programa de escrita inventada na alfabetização de jovens e adultos**, 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

<sup>4</sup> A pesquisa contou com a aplicação de um pré-teste e pós-teste com o grupo de estudantes pesquisados. Após o pré-teste, foram realizadas oito sessões com cada grupo, totalizando vinte e quatro encontros. Cada grupo da pesquisa participou do mesmo número de encontros e seguiu a mesma ordem de sequência das palavras. Posteriormente, fizemos uma análise com os resultados finais, comparando o teste do pré-teste e pós-teste que ocorreu após aplicação final das sessões. Em cada encontro referente às sessões, realizou-se a escrita de três palavras. As palavras utilizadas para o Programa de Escrita Inventada foram: DEU – DEDO- DIA; VEIA – VOVÓ – VIU; PELO – PATO – PAU; TEIA – TATU – TUDO; MEU – MAU – UMA; LUA – LUVA – LIA; DEDO – MEDO – MOLA; VELA – PULA – PATO. Cada encontro durou cerca de 1 hora, não se estendendo a 1 hora e 30 minutos.

integram o Grupo de Pesquisa em Alfabetização (GPA)<sup>5</sup>. Os estudos que o compõem integram o projeto investigativo *Mediação Pedagógica na Escrita Inventada*, cujo principal aspecto teórico-metodológico é o desenvolvimento de programas de intervenção pedagógica na escrita inventada e colaborativa com pequenos grupos de aprendizes.

A escrita inventada é um campo de estudo que vem se constituindo no campo da alfabetização, focalizando a apropriação da língua escrita a partir do desenvolvimento pela interação. A escrita inventada apresenta características que a distingue da escrita espontânea, essa última, comum e familiar no contexto escolar. Como determina o próprio termo, a “escrita espontânea”, em geral, é uma escrita livre, passível ou não de intervenção e mediação do adulto/professor/pesquisador. A proposta do Programa de Escrita Inventada é uma pesquisa de intervenção mediada pelo pesquisador/professor.

### **Aportes teóricos sobre a pesquisa de intervenção e o Programa de Escrita Inventada**

O construto teórico das pesquisas e investigações do GPA, do qual fazemos parte, insere no conjunto de investigações produzidas pelo grupo de pesquisa ‘*Literacy Practices and Written Language Acquisition*’, do Departamento de Psicologia da Educação/Instituto Superior de Psicologia Aplicada – ISPA/Lisboa, sob a coordenação geral de Margarida Alves Martins. Entre as publicações, cabe destacar a pesquisa de Reis (2015), que traz um levantamento de estudos que apontam o Programa Escrita Inventada como uma atividade geradora de conflitos cognitivos para as crianças participantes, levando-as a refletirem sobre a linguagem escrita, partindo de uma perspectiva construtivista. Tais autores compartilham ainda das ideias de que o trabalho com a Escrita Inventada permite que as crianças avancem na compreensão e na aquisição do princípio alfabético, uma vez que os programas proporcionam a construção de conhecimentos a respeito da consciência fonológica, da relação entre o oral e a escrita, do conhecimento de letras, de reflexões metalinguísticas e das estruturas do código alfabético (REIS, 2015).

A Escrita Inventada, em nosso estudo, é definida como o resultado das produções dos alunos, sejam eles crianças ou adultos para escrita de palavras, em consonância com a definição de Alves Martins,

---

<sup>5</sup> O livro apresenta as pesquisas realizadas no campo da Escrita Inventada no Brasil, organizadas pelo Grupo de Pesquisa em Alfabetização (GPA) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Ver: MONTUANI, D. *et al.* **Grupo de pesquisa em alfabetização e o programa de escrita inventada**. Belo Horizonte: UFMG/FaE/Ceale, 2021.

a escrita inventada pode ser definida como a tentativa de fonetizar, antes de qualquer aprendizagem formal, os sons das palavras à medida que se procura escrevê-las. **Não se trata de um processo de memorização e de restituição de escritas convencionais, mas sim de um processo de experimentação por parte das crianças** que, apesar de não saberem ler, usam os conhecimentos que adquiriram sobre as correspondências letras-sons e procuram representar na escrita os sons que identificam o mais fielmente possível (ALVES MARTINS et al., 2015, p. 137, grifos nossos).

Compreendemos, assim, a escrita inventada, em sistemas de escrita alfabética (SEA), como uma ação que envolve reflexões metalinguísticas sobre a relação oral/escrita na qual os aprendizes buscam fonetizar os segmentos sonoros das palavras. A escrita inventada implica capacidades de consciência fonológica, conhecimento das letras e, por vezes, conhecimento parcial das correspondências letra-som. Sob essa ação, as pesquisas no campo teórico metodológico do PEI focam nas estratégias usadas pelos aprendizes, procurando compreender tanto o processo de aprendizagem dos sujeitos quanto às possibilidades de interação e mediação pedagógica. A escrita inventada será apresentada com mais fundamentos e detalhes mais adiante.

### **As pesquisas de intervenção no campo educacional**

Inicialmente, nos parece importante apresentar o que entendemos por pesquisas de intervenção, não apenas por sua apresentação como um método, mas também na estruturação teórica como subsídio para nossas pesquisas, em específico, na aquisição da língua escrita por jovens e adultos. De um modo geral, a pesquisa de intervenção com a escrita inventada se enquadra nos estudos do desenvolvimento cognitivo e tem por objetivo observar as habilidades cognitivas dos alfabetizandos no contexto de aprendizagem. O contorno teórico se enquadra dentro de uma abordagem científica que tem por princípio a intervenção como mecanismo de ação, análise, compreensão e mudança/resultados. Esses princípios, assim como a postura “neutra” defendida pelos pesquisadores distanciava em muito dos princípios qualitativos defendidos pelos pesquisadores da educação.

Os embates em torno desses princípios sobre as pesquisas de intervenção persistiram até meados do século XX. Segundo Ferrari (2009),

entre os defensores de uma ciência pura e os partidários de uma ciência aplicada, entre os que defendiam a situação artificial em laboratórios e os que

trabalhavam num ambiente de vida real, entre os que buscavam identificar estruturas e estudiosos das funções, entre os que privilegiavam fenômenos simples e os defensores dos estudos da complexidade, entre aqueles que tudo faziam para garantir a neutralidade do pesquisador e os cientistas engajados, entre os que queriam a total isenção e não interferência do estudioso e os que viam como inelutável a implicação do pesquisador no seu trabalho (FERRARI, 2009, p. 86-87).

Os estudos históricos de Ferrari (2009) demonstram que foi somente no início do século XXI que o abrandamento das polêmicas, favorecendo o lugar da pesquisa-intervenção no seio das ciências humanas, possibilitou a convivência com outras modalidades de pesquisa. A pesquisa começou a vigorar nos trabalhos em que a realidade social e a subjetividade estavam entrelaçadas, sem estabelecer, *a priori*, critérios que afirmassem seu sucesso ou fracasso. Na pesquisa-intervenção “a relação, mutuamente consentida, fazendo sentido para ambas as partes, é o que faz com que pesquisas como estas aconteçam e tenham seu curso garantido” (FERRARI, 2009, p. 88).

Os estudos de intervenção no Brasil possuem maior tradição na educação vinculada à área da psicologia. Ferrari (2009) afirma que toda investigação psicológica implica sempre uma intervenção e que, por isso, pesquisas são particularmente observadas no acompanhamento da implementação de práticas educacionais e na prática clínica. Na prática clínica, existe a condição dupla de serviço psicológico e de investigação científica que contribui, ao mesmo tempo, para o conhecimento científico e para o papel de cuidado psicológico. O mesmo pode ser dito em relação às práticas educacionais em que o adulto é, ao mesmo tempo, pesquisador e educador.

De modo geral, o que caracteriza as pesquisas de intervenção é que elas possam promover algum tipo de mudança por meio de uma relação assimétrica, em que um dos participantes desta relação é aquele que assiste, propõe e encaminha atividades a serem realizadas. Ferrari (2009) assegura que a pesquisa de intervenção tem crescido e sua relevância estaria no fato de que ela atua como um “operador que permite observar e definir diretamente um objeto (um conjunto social singular, um fato psicossocial real) e, simultaneamente, agir sobre ele e mudá-lo, gerando, assim, evidências externas sobre o social” (FERRARI, 2009, p. 88).

Entretanto, essa mudança paradigmática das pesquisas de intervenção com um viés sociointeracionista aproximou os estudos, antes centrados na área da Psicologia, aos das pesquisas do campo educacional. Nesse direcionamento, concordamos com Spinillo e Lautert (2009), ao afirmar que as pesquisas de intervenção compreendem e promovem

tanto a ação do pesquisador para a produção do conhecimento como também a ação do pesquisador enquanto aquele que intervém sobre os indivíduos. Enquanto recurso metodológico a serviço da construção do conhecimento, a pesquisa de intervenção pode contribuir para testar teorias acerca da conquista cognitiva, para descrever o desenvolvimento e descobrir relações de causalidade entre fatores e fenômenos (SPINILLO; LAUTERT, 2009, p. 294).

Isso significa dizer que a intenção da pesquisa de intervenção é criar contextos educacionais que levem em consideração o desenvolvimento da aprendizagem, o objeto de conhecimento e os sujeitos envolvidos. É nesse contexto que alguns pesquisadores se voltam para as pesquisas de intervenção, buscando maior retorno social na construção de seus projetos, sempre com responsabilização e clareza de que suas ações e intervenções têm efeito sobre os sujeitos envolvidos nas pesquisas.

As pesquisas de intervenção nas áreas de Ciências Humanas são consideradas de natureza híbrida por possibilitarem contribuições teóricas e aplicadas. Se, por um lado, os resultados derivados de pesquisas de intervenção podem contribuir para a formulação de explicações acerca do desenvolvimento cognitivo, por outro lado, esses resultados podem ter implicações educacionais importantes, favorecendo o diálogo entre as áreas humanas, como a Psicologia e a Educação, sobretudo, no que diz respeito às relações entre aprendizagem e desenvolvimento cognitivo (SPINILLO; LAUTERT, 2009).

A constante atualização do professor/pesquisador, por meio do acompanhamento dos estudos recentes sobre o desenvolvimento da língua escrita pelo educando, é importante para que as ações possam ser baseadas nas vivências ocorridas na intervenção, ou seja, fornecidas pela e na pesquisa (CORREA, 2009). A prática educacional intervencionista baseada em ocorrências pode ser organizada a partir do emprego sistemático pelo profissional de uma sequência de procedimentos.

O primeiro passo consiste em estabelecer de forma precisa a demanda pedagógica ou clínica. Isso pode se referir, por exemplo, à validade de determinados instrumentos para avaliação da escrita ou à eficácia de determinada estratégia de intervenção. Quanto mais específica e objetiva for a questão delineada pelo profissional, mais rápida, eficaz e seletiva será sua busca bibliográfica (CORREA, 2009, p. 288).

Em outras palavras, os estudos de intervenção no campo educacional fazem pensar nas possibilidades de mudança acerca do *quando* ensinar e do *como* ensinar. O *quando* se ensina diz respeito ao momento em que um determinado conceito pode ser entendido ou dada

habilidade pode ser desenvolvida, a depender da idade, da escolaridade, do nível do conhecimento (geral ou específico) no momento da investigação. O *como* ensinar diz respeito à natureza da situação de intervenção, a aspectos da escolha dos formatos de intervenção e dinâmica de organização da ação (CORREA, 2009).

No que concerne à possibilidade de gerar desenvolvimento pela ação do processo mediador, um dos aspectos metodológicos discutidos por Spinillo e Lautert (2009) diz respeito ao estabelecimento da relação de causalidade imprescindível para o estudo do desenvolvimento humano e, no caso dessa pesquisa, do desenvolvimento da aprendizagem. Para eles, uma das maneiras possíveis de estabelecer relações de causalidade é a pesquisa de intervenção. Nesse caminho, os estudos nesse formato se tornam cruciais para testar hipóteses específicas a respeito da natureza da modificação de um fenômeno cognitivo e de suas causas (SPINILLO; LAUTERT, 2009).

Um destaque dos efeitos da pesquisa de intervenção no campo educacional é que ela pressupõe uma visão otimista acerca das possibilidades cognitivas dos educandos, apostando no desenvolvimento e na capacidade de aprendizagem que eles apresentam e que emergem durante a situação de intervenção. Assim, os estudiosos educacionais ressaltam a importância das pesquisas de intervenção para gerar conhecimento e um melhor entendimento dos processos de desenvolvimento cognitivo. A possibilidade de avaliar as mudanças nesses processos é um aspecto crucial nas pesquisas, pois, “ao adquirir novas habilidades, ao aprender algo novo e, em última instância, ao se desenvolverem intelectualmente, os indivíduos apresentam mudanças” (SPINILLO; LAUTERT, 2009, p. 297). E as mudanças vistas nos comportamentos dos sujeitos podem sinalizar ou estar associadas ao desenvolvimento, demonstrando que as pesquisas de intervenção podem funcionar como experiências de aprendizagem. Ainda, segundo os autores, “é pertinente inserir a reflexão acerca da pesquisa de intervenção no âmbito das discussões acerca das relações entre aprendizagem e desenvolvimento” (SPINILLO; LAUTERT, 2009, p. 298).

Tendo clareza das potencialidades para a aprendizagem com alfabetizando da EJA, acreditamos que as mediações podem ser melhor “aproveitadas” dentro das práticas escolares, observando todas as variáveis que podem interferir nos resultados; e terá melhor contribuição quando houver maior legitimidade dos estudos intervencionistas e maior compreensão da complexidade que é o desenvolvimento da aprendizagem. Para isso, o diálogo e parceria entre as diversas áreas do desenvolvimento humano se fazem necessários.

De comum acordo com os estudos apresentados e com as teorias sociointeracionistas, acreditamos que a aprendizagem dos sujeitos, quando vivenciada em uma relação de troca entre os pares, pode gerar processos de desenvolvimento interno, transformando reelaborações em novos significados e, conseqüentemente, em novos conhecimentos individuais (VYGOTSKY, 1989). As reflexões sobre os conhecimentos relativos à escrita consistem em uma relação de interação que possibilita o desencadeamento de vários processos de desenvolvimento interno dos alunos com a direção e posicionamento do mediador. O nível de desenvolvimento proximal, ou seja, aquilo que se consegue realizar com uma intervenção planejada, orientada pelo mediador, demonstra que a aprendizagem, quando organizada adequadamente, é capaz de despertar processos internos de desenvolvimento que dificilmente ocorreriam de outra forma (VYGOTSKY, 1989).

### **A escrita inventada e a alfabetização**

Esse estudo é resultado de um diálogo entre as bases teórico-metodológicas sobre as pesquisas de intervenção e o desenvolvimento da aprendizagem de alfabetizados da educação de jovens e adultos a partir do Programa de Escrita Inventada. Segundo Alves Martins e Silva (2009), as escritas formuladas pelos aprendizes podem revelar suas hipóteses conceituais e os níveis de consciência grafofonêmica, além de representar suas reflexões metalinguísticas sobre o sistema de escrita alfabética. Os resultados de investigações sobre o programa têm demonstrado a importância da Escrita Inventada e a sua eficácia na promoção e evolução dos processos de escrita e de leitura das crianças (ALVES MARTINS, 2015; ALVES MARTINS; SILVA, 2009).

No Brasil, ainda são recentes as pesquisas sobre a Escrita Inventada nos programas de pós-graduação em Educação, como as pesquisas organizadas sob o Grupo de Pesquisa em Alfabetização (GPA/CEALE). Soares (2016) apresenta um primeiro estudo da área, realizado nos Estados Unidos, no mesmo ano em que Ferreiro e Teberosky anunciavam sua pesquisa sobre a aprendizagem inicial da língua escrita. Bissex analisou os relatos e as produções de escritas inventadas do seu filho durante o processo de evolução da aprendizagem da escrita, desde a pré-escola até o domínio das regras ortográficas, na língua inglesa, entendendo o processo de desenvolvimento do princípio alfabético, associado, principalmente, à necessidade de interação com o outro e com o meio, estabelecendo alguns padrões para cada etapa da evolução. Bissex buscou sua referência sobre a Escrita Inventada no conceito de Read (1971,

1975), primeiro pesquisador a identificar a importância da grafia inventada pelas crianças, quando ainda não aprenderam a escrita convencional, para o seu desenvolvimento em suas relações com a escrita. As conclusões dos dois teóricos são similares ao demonstrarem que as crianças escrevem “estabelecendo correspondências entre fonemas e grafemas, segundo a percepção que têm dos sons da língua e seu conhecimento das letras do alfabeto” (SOARES, 2016, p. 68).

Read (1971), tendo analisado as escritas inventadas, verificou que as crianças, de acordo com suas necessidades e a partir dos avanços de suas ideias sobre o sistema de escrita, criam modelos de representação até que se tornem convencionais. Nessas escritas, o mais significativo foi verificar que cada criança chegou aproximadamente ao mesmo sistema, usando algumas grafias que, ao ver de pais e professores, parecem implausíveis, mas que podem ser explicadas em termo das hipóteses sobre a organização que implicitamente a criança faz dos sons da língua (SOARES, 2016). Esses estudos corroboram com as evidências de Ferreiro e Teberosky (1985) ao demonstrar que os sistemas de escrita não se reduzem a um mero código de transcrição da linguagem oral.

A apropriação da língua escrita envolve um aprendizado de natureza conceitual, requerendo o desenvolvimento de uma série de competências complexas de natureza cognitiva. Os estudos de Escrita Inventada no período apresentado por Soares (2016) contribuem para compreender os seus impactos no desenvolvimento da escrita em crianças e perceber que elas não propriamente reproduzem escritas, mas as inventam: “a escrita, independente das crianças, passou a ser vista não mais como erros que poderiam interferir na aprendizagem das formas corretas, mas sim como explorações por meio das quais a aprendizagem avança” (SOARES, 2016, p. 69).

Os estudos dos autores decorrentes dos períodos demonstrados e outras pesquisas também reafirmaram a perspectiva de Read sobre a importância da Escrita Inventada para o desenvolvimento da escrita. Para a autora, a Escrita Inventada, de acordo com a expressão mais recorrente da literatura da área, pode ser entendida como aquela que “designa o comportamento da criança que inventa um uso para as correspondências fonema-grafema, quer espontaneamente, quer em resposta à solicitação de um adulto/mediador” (SOARES, 2016, p. 70). Em definição, posteriormente um pouco mais detalhada, a autora afirma que na Escrita Inventada o comportamento infantil revela os níveis de conceitualização da escrita em que se encontram as crianças; esses níveis avançam em interação com a capacidade de segmentação da palavra oral em partes cada vez menores, ou seja, “na medida em que o sujeito desenvolve

a consciência fonológica (silábica e grafofonêmica); a segmentação da palavra oral se expressa por meio de grafemas, portanto, depende do conhecimento de letras e seu valor sonoro” (SOARES, 2016, p. 237). Contudo, Soares (2016) diz que ainda são poucas as pesquisas com Escrita Inventada que investigam as coexistências e correlações entre os níveis de conceitualização da escrita, consciência fonológica e conhecimento das letras.

Colaborando para o campo de análise da autora brasileira, os estudos do grupo de ISPA apresentam Programas de Escrita Inventada (PEI), que se caracterizam por pesquisas de alfabetização de crianças com estudos na área da Psicologia da Leitura e da Escrita. Os Programas de Escrita Inventada se baseiam no método de intervenção e, em sua maioria, tratam de investigações direcionadas às escritas inventadas e no papel da intervenção docente (ou do pesquisador) no processo de aquisição da escrita. Geralmente, apresentam-se em situações controladas e que têm como base a estrutura da mediação, realizada por um pesquisador ou docente e grupos de estudantes em processo de alfabetização.

Os dados de algumas dessas pesquisas têm mostrado avanço em relação ao número de letras corretas representadas nas escritas das crianças que participam das pesquisas, assim como a evolução da consciência fonológica (ALBUQUERQUE; ALVES MARTINS; SALVADOR; SILVA, 2015). Nesse caminho, confiamos que os Programas de Escrita Inventada e suas atividades fazem com que os sujeitos realizem reflexões metalinguísticas sobre a escrita das palavras, proporcionando efeitos positivos que resultam no seu desenvolvimento. São nesses momentos que as ações metalinguísticas se manifestam, com a capacidade do sujeito de se distanciar do uso habitualmente comunicativo da língua, a fim de dirigir a atenção para suas propriedades linguísticas, sendo assim, o objetivo é observar as atividades cognitivas geradas nas situações em que ocorre a Escrita Inventada (SOARES, 2016).

Outro ponto crucial das pesquisas de intervenção com a escrita inventada diz respeito ao processo de interação advinda do mediador e dos pares. O campo de pesquisa com a interação no contexto de escrita de palavras, tal como propomos no PEI, chama atenção para o fato de existirem diferentes formas de se fazer a intervenção junto aos sujeitos. Spinillo e Lautert (2009) afirmam que a ação pedagógica, nesse contexto, configura-se pela natureza da ajuda que os sujeitos recebem em função da menor ou maior diretividade por parte do mediador.

Trata-se de uma interação mais guiada e uma assistência explícita sobre algo, requerendo do adulto [mediador] um papel mais ativo, visto que são fundamentais o *feedback* e explicações a respeito da atuação dos sujeitos da pesquisa, explicitar as regras ou estratégias de resolução, enfatizar aspectos e propor modelos para orientar e corrigir soluções e hipóteses

inadequadas ou pouco efetivas. Cabe lembrar que a atuação do mediador no PEI caracteriza-se por colocar o pensamento do aprendiz em evidência, tornando-se, ele próprio, objeto de reflexão e análise, ou seja, objeto de pensamento. Possibilita aos alfabetizandos a metacognição, isto é, refletir sobre o que pensa cognitivamente e, conseqüentemente, promovendo relevantes situações de aprendizagem. A metacognição, mediada pelo professor/pesquisador, permite que os grupos gerenciem suas ações, planejando, monitorando, realizando ajustes e redirecionamentos, verificando e avaliando a adequação de suas ideias e procedimentos (SPINILLO; LAUTERT, 2009).

No processo de desenvolvimento da pesquisa com a escrita inventada, a interação do mediador com os sujeitos pesquisados da EJA e a criação de um contexto favorável à aprendizagem foi uma preocupação constante, e pressupôs uma organização no desenvolvimento das atividades propostas aos estudantes, como a seleção de palavras, a organização dos tempos e falas, os pontos propícios para intervenção e maior dinâmica dos grupos, a fim de gerar melhores condições de interação e gerenciamento de suas próprias ações por parte dos sujeitos pesquisados.

### **Considerações finais**

O principal objetivo deste artigo é apresentar as bases teóricas e metodológicas que podem fundamentar pesquisas de intervenção pedagógica pelo Programa de Escrita Inventada na aprendizagem inicial da leitura e da escrita, assim como as potencialidades de seu uso no campo da alfabetização. Por meio deste trabalho, esperamos contribuir para a promoção e a valorização desse tipo de pesquisa que, durante muitos anos, foi desvalorizada e até mesmo estigmatizada entre pesquisadores da educação, por acreditarem na impossibilidade de se realizar pesquisas de intervenção mediadas com apoio da perspectiva sociointeracionista.

Com efeito, os estudos sobre dinâmicas de intervenção colaborativa vão ao encontro das pesquisas com a escrita inventada, que apontam o PEI como um programa impulsionador de mecanismos facilitadores no desenvolvimento e na aprendizagem, uma vez que promove a participação ativa na discussão e na reflexão sobre a língua, sendo as mediações sociais uma função protagonista neste processo. (ALVES MARTINS, 2015).

Portanto, acreditamos que os Programas de Escrita Inventada, contribuem para desencadear processos linguísticos nos estudantes, crianças, jovens e adultos que se encontram em fase de assimilação do sistema de escrita alfabético e, assim, promover avanços em sua

aprendizagem. Por isso, os estudos aqui apresentados são de inteira importância para novas pesquisas, pois se aprofundam nas análises sobre o desenvolvimento das habilidades metalinguísticas dos estudantes e demonstram uma promoção no desenvolvimento de suas competências sobre a escrita de palavras.

Cabe ressaltar dois pontos de debate sobre os efeitos dos estudos de intervenção no campo educacional: primeiro; a necessidade de estudos longitudinais para entender, com maior confiabilidade, as relações de causalidade entre situações de aprendizagem que tiveram a intervenção como uma ação. Se os estudos longitudinais estiverem em consonância com os estudos mais imediatos de intervenção, teremos poucas razões para crer que os resultados encontrados são pouco confiáveis. O segundo ponto é que a combinação desses tipos de estudo (intervenção e longitudinal) ainda não resolve outra questão que se coloca em relação aos estudos de intervenção: “a transposição dos resultados de pesquisa para o contexto da realidade educacional ou clínica” (CORREA, 2009, p. 271). É necessário ter clareza que a transposição de resultados encontrados em pesquisa para os contextos educacionais não pode ser vista como relação direta de causalidade, pois a realidade das situações vivenciadas em sala de aula é complexa e cercada de contextos variáveis que não condizem diretamente com resultados alcançados em pesquisas. Segundo Correa (2009, p. 272), “essa transposição não é fácil, e certamente dependerá das características de cada ambiente trabalhado”. Contudo, é possível verificar alguns ganhos vistos em situações de intervenção que também podem ser observados em sala de aula, desde que sejam feitos os ajustes necessários ao transpor para o contexto escolar situações originalmente realizadas em contextos controlados de investigação (SPINILLO; LAUTERT, 2009).

Tendo clareza dessas limitações e refletindo a esse respeito, acreditamos que essa transposição só poderá ocorrer parcialmente dentro das práticas escolares, observando todas as variáveis que podem interferir nos resultados; e terá melhor contribuição quando houver maior legitimidade dos estudos intervencionistas e maior compreensão da complexidade que é o desenvolvimento da aprendizagem. Para isso, o diálogo e parceria entre as diversas áreas do desenvolvimento humano se fazem necessários.

Finalizamos este artigo informando que esse estudo, o primeiro no campo das pesquisas sobre pesquisa de escrita inventada na alfabetização de jovens e adultos, gerou um acervo significativo para novas investigações no campo da EI e a Alfabetização de Jovens e Adultos. O acervo instiga a novas pesquisas, novas indagações para aprofundar na natureza das interações e nas potencialidades das mediações demonstradas pelo estudo, com o objetivo de

gerar maior aproximação entre pesquisadores universitários e professores da educação básica frente aos desafios de alfabetizar os jovens e adultos brasileiros.

### Referências

- ALBUQUERQUE, A.; ALVES MARTINS, M.; SALVADOR, L.; SILVA, C. Escrita inventada e aquisição da leitura em crianças de idade pré-escolar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 137-144, 2015.
- ALVES MARTINS, M.; SILVA, C. O nome das letras e a fonetização da escrita. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 1, n. 17, p. 49-63, 2009.
- ALVES MARTINS, M. *et al.* Escrita inventada e aquisição da leitura em crianças de idade pré-escolar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Lisboa, v. 31, n. 2, p. 137-144, 2015.
- CORREA, J. A pesquisa-intervenção na investigação do aprendizado da escrita. *In*: CASTRO, L. R.; BESSET, V. L. (org.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: NAU, 2009, p. 274-293.
- FERRARI, F. A ignorância fecunda inerente à pesquisa-intervenção. *In*: CASTRO, L. R.; BESSET, V. L. (org.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: NAU, 2009, p. 87-94.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita**. Trad. D. M. Lichtenstein *et al.* Porto Alegre: Artmed, 1985.
- REIS, A. **Impacto de dois programas de escritas inventadas, desenvolvidos em pequeno grupo com crianças do pré-escolar, na aprendizagem da escrita e da leitura**. 2015, 141f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Educacional) –Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida - ISPA. Lisboa, 2015.
- SPINILLO, A.; LAUTERT, S. Pesquisa-intervenção em psicologia do desenvolvimento cognitivo: princípios metodológicos, contribuição teórica e aplicada. *In*: CASTRO, L. R.; BESSET, V. L. (org.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: NAU, 2009, p. 294-321.
- SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. Belo Horizonte: Contexto, 2016.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

### Sobre as autoras

**Juliane Gomes de Oliveira:** Professora alfabetizadora da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte na EJA. Doutora e mestra em Educação e Linguagem pela UFMG. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da UFMG. Experiência no campo da alfabetização e educação de jovens e adultos. Integrante do Grupo de Pesquisa em Alfabetização GPA/Ceale/FaE/UFMG.  
*E-mail:* julianegomesoliveira16@gmail.com

**Francisca Izabel Pereira Maciel:** Professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Fez Pedagogia, Mestrado, Doutorado e pós-doutoramento em Educação. Coordena o Grupo de Pesquisa Alfabetização no Brasil: O estado do conhecimento e o Projeto de Extensão de

alfabetização PROEF1 EJA /UFMG. Integrante do Grupo de Pesquisa em Alfabetização  
GPA/Ceale/FaE/UFMG.  
*E-mail:* emaildafrancisca@gmail.com